

# SUMÁRIO

**AGRADECIMENTOS**..... 15

**PREFÁCIO** ..... 17

**INTRODUÇÃO: COMO SABEMOS QUE DEUS EXISTE?**..... 21

## **CAPÍTULO 1 A TEOLOGIA DIANTE DE DEUS**

Fideísmo ou racionalismo? ..... 25

Teologia na segunda pessoa ..... 28

Conhecer-te, ó conhecedor de mim!..... 34

A humildade arrogante ..... 44

A condição da humilhação ..... 51

Autoabsorção narcisista ..... 55

O tolo e as sombras da caverna ..... 59

## **CAPÍTULO 2 O CONHECIMENTO NA DESGRAÇA**

Epistemologia monergista ..... 69

O miserável homem-flecha..... 73

A teologia natural e o crime do chocolate..... 78

O casaco de Pascal ..... 86

O cúmulo da miséria..... 91

Livres-pensadores ou gnósticos enrustidos? ..... 99

## **CAPÍTULO 3 O DEUS HUMILHADO**

A bondade e o poder de Deus..... 111

Deus no banco dos réus ..... 115

A ofensa da onipotência..... 129

A *kénōsis* de Cristo ..... 140

A *phrōnēsis* de Cristo..... 149

## INTELIGÊNCIA HUMILHADA

O Deus da Bíblia é cruel? .....	157
Teodiceias e orações sujas .....	177
<b>CAPÍTULO 4 A TEOLOGIA DO AUTOCONHECIMENTO</b>	
A natureza do autoconhecimento .....	189
Autoconhecimento e referência .....	192
A gramática da antropologia bíblica .....	204
O homem desejanete .....	209
O homem deliberante .....	218
O homem contingente .....	230
O homem vivente.....	241
<b>CAPÍTULO 5 A TRAIÇÃO DOS TEÓLOGOS</b>	
As tentações do teólogo .....	249
A ferida do teólogo .....	251
O compromisso do teólogo .....	260
A cosmovisão do teólogo .....	266
Estudo de caso: Carl F. H. Henry .....	285
A missão do teólogo.....	315
<b>CONCLUSÃO</b> .....	323
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	325

# AGRADECIMENTOS

Este livro não poderia ter sido concluído sem a contribuição de algumas pessoas. Reconheço minha enorme dívida para com os amigos Franklin Ferreira e Gaspar de Souza, que leram o manuscrito e ofereceram sugestões preciosas. Preciso dizer que eles me pouparam de muitos equívocos. Todavia, a eventual permanência de erros e imprecisões é de minha inteira responsabilidade. Sempre agradeço a minha esposa, Juliana, e a meus filhos, Heloísa, Henrique e Thiago. A produção deste livro só foi possível por causa do apoio incansável deles. Minha maior dívida, porém, é para com Deus, que me permitiu enxergar, sobre os ombros de gigantes, o conceito de inteligência humilhada.



# PREFÁCIO

Li este livro com grande prazer e interesse do início ao fim. Passo a passo, descobri que inteligência humilhada não quer dizer, de modo algum, a aniquilação do intelecto, mas, sim, a afinação deste com as Escrituras, nossa fonte infalível de conhecimento sobre o Deus criador dos céus e da terra. O dr. Jonas Madureira obedeceu à instrução fundamental de Helmut Thielicke de que o teólogo precisa “vigiar-se constantemente contra o perigo de pensar em terceira, e não em segunda pessoa”. Isso ganha ainda mais força com as palavras de Ernest Hello: “O homem humilde se ajoelha perante toda verdade”. Para falar de forma convincente sobre Deus, é necessário fazer teologia diante de Deus, à luz das Escrituras.

Valendo-se da reflexão de grandes pensadores do passado, como Agostinho, Anselmo, Lutero e Calvino, e também de pensadores mais recentes, como Francis Schaeffer, Herman Dooyeweerd e muitos outros, o autor procura levar o leitor a reconhecer que Deus ultrapassa nossa capacidade de exaurir o mistério da sua infinita grandeza. A natureza criada por Deus torna o homem indesculpável e mostra apenas “vestígios”, como “pegadas”, que revelam que alguém passou por ali, e nada mais. Nas Escrituras, Deus manifesta-se claramente por meio do Filho, Jesus Cristo, o Deus encarnado.

Em seguida, o autor mostra-nos quão importante é entender o conceito teológico de desgraça, o qual revela a necessidade da intervenção divina para que haja conhecimento. A explicação que ele faz da “epistemologia monergista” no que diz respeito à profundidade da nossa desgraça indica que, sem a intervenção de Deus e de sua revelação, é impossível escapar da ilusão do autoengano. *Soli Deo gloria* tem de ser nosso objetivo, ainda mais ao descobirmos os fatos e a realidade da condição humana. Por esse motivo, o conceito de inteligência humilhada melhor se enquadra na perspectiva monergista,

uma vez que não temos a capacidade de pensar corretamente sobre Deus sem o seu auxílio.

O dr. Madureira também foi bastante feliz ao trazer à discussão o reaparecimento do gnosticismo em nossos dias. Após apresentar uma explicação esclarecedora sobre o assunto, o autor comprova a insuficiência dessa heresia no que diz respeito à compreensão da realidade humana.

A reflexão fascinante sobre o Deus todo-poderoso e absolutamente bondoso e sobre a dificuldade de entender o mal que enfrentamos no mundo leva nosso autor a uma conclusão convincente de que não se trata de uma contradição, mas de um mistério humilhante. Certamente, usar a lógica não é pecado, porém precisamos mais do que lógica para entender algo suprarracional como a doutrina da Trindade. A razão humana não consegue entender algumas verdades afirmadas nas Escrituras. Nesse caso, é melhor não entender e apenas crer, como no caso de Jó, que também não pôde explicar a razão de seu sofrimento e, mesmo assim, não aceitou o mau conselho de sua esposa.

Além disso, a obra apresenta uma reflexão bíblica bastante refinada acerca da teologia do autoconhecimento. No último capítulo, o autor conclui com a constatação da crise pela qual passa a teologia evangélica, crise essa decorrente da traição à cosmovisão cristã. O livro não poderia terminar de outra maneira. Depois de defender que a teologia deve ser feita em segunda pessoa, o dr. Madureira conclui com uma oração, que, em suas palavras, “é a obra mais importante de um teólogo”.

Trata-se, enfim, de uma grande contribuição ao acervo da teologia brasileira. A qualidade da argumentação, a solução de problemas desafiantes para a mente humana e a habilidade de escrever de modo claro e atraente levam-me a recomendar este livro, que, com certeza, será enriquecedor para todos os que se empenharem em lê-lo. A

## PREFÁCIO

abrangência no modo de seu autor tratar os grandes problemas da fé cristã sugere o incalculável benefício que a obra proporcionará não somente a seminaristas, mas também a universitários que têm de passar pela triste situação de sentar-se em salas de aula de inimigos da fé, cuja satisfação consiste apenas em ridicularizar o cristianismo bíblico. Não são apenas pensadores que tirarão proveito destas páginas, mas também cristãos que nunca se preocuparam com as grandes questões que o autor aborda com tanta habilidade. Tenho certeza de que as vantagens desta leitura logo se tornarão visíveis.

A Deus toda a glória!

RUSSELL SHEDD, PhD



# INTRODUÇÃO

## COMO SABEMOS QUE DEUS EXISTE?

Ser um teólogo no mundo acadêmico implica correr o risco de tornar-se uma mente sem corpo. O teólogo que não é pastor se assemelha a uma alma que, depois da morte, foi separada do corpo, isto é, da igreja. Lamentamos esse “estado intermediário” anormal, mas, crentes na ressurreição, aguardamos com expectativa o tempo em que alma e corpo serão reunidos. Mentes teológicas pertencem a corpos eclesiais.<sup>1</sup>

— KEVIN J. VANHOOZER E OWEN STRACHAN

Em *Os problemas da filosofia*, Bertrand Russell começa sua reflexão com a seguinte pergunta: “Haverá algum conhecimento no mundo que seja tão certo que nenhum homem razoável possa dele duvidar?”<sup>2</sup> À primeira vista, essa pergunta pode parecer simples e, para alguns, até mesmo trivial. Por exemplo, quem poderia duvidar de que  $2 + 2 = 4$  ou de que o todo é maior do que suas partes? Ao que parece, esses conhecimentos são afirmados com absoluta certeza. Logo, há conhecimentos dos quais o homem razoável é incapaz de duvidar.

Entretanto, esses conhecimentos não têm a menor relevância diante das grandes questões relacionadas ao sentido da vida. Pense um pouco. Você já encontrou alguém que, em sua consciência, chorou copiosamente, não de tristeza, mas de alegria, porque descobriu o sentido da vida ao perceber que não poderia duvidar de que a

<sup>1</sup>Kevin J. Vanhoozer; Owen Strachan, *O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida* (São Paulo: Vida Nova, 2016), p. 15.

<sup>2</sup>Bertrand Russell, *Os problemas da filosofia* (Lisboa: Edições 70, 2008), p. 69.

menor distância entre dois pontos, em um espaço plano, é uma reta? Se você tivesse testemunhado uma reação como essa, de fato seria uma situação bastante desconcertante, para não dizer ridícula. Em contrapartida, parece que as certezas que realmente gostaríamos de ter não são indubitáveis. Por exemplo, a existência de Deus pode ser negada pelos homens. A própria Escritura confirma isso: “O insensato diz no seu coração: Deus não existe” (Sl 14.1). Ora, se a certeza de que Deus existe fosse indubitável, a história da humanidade seria outra, porque, os homens já não poderiam mais viver como se ele não existisse.

Mas, se a existência de Deus pode ser negada, de onde vem a certeza que temos de que ele existe? De onde vem a certeza de que o conhecimento que temos dele é verdadeiro? A resposta é simples e direta: da palavra de Deus. Se você franziu a testa e, com certo desapontamento, disse consigo mesmo: “Mas como assim? A resposta não pode ser tão simples!”, quero que saiba que este livro foi escrito para você. No entanto, sua reação pode ter sido mais positiva e, então, você pensou: “É isso mesmo! A existência de Deus é uma questão de fé somente. Deus não é para ser questionado, mas, sim, para ser aceito!”. Gostaria de dizer que este livro também foi escrito para você. Na verdade, ele foi escrito para que alguns encontrem dúvidas por trás de suas certezas e outros encontrem certezas por trás de suas dúvidas.

Em minha experiência como pastor de igreja e professor de seminário, convivo o tempo todo com pessoas divididas entre dois polos: o do sacrifício do intelecto em favor da fé e o do sacrifício da fé em favor do intelecto. De um lado, estão aqueles que afirmam que a existência de Deus é uma questão de fé somente e, por conseguinte, eliminam todas as questões difíceis que envolvem a existência de Deus, como, por exemplo, o problema do mal. Do outro lado, estão aqueles que reduzem a existência de Deus a uma questão de lógica

e, por conseguinte, eliminam todos os problemas relacionados aos limites do conhecimento humano, como, por exemplo, o problema dos efeitos noéticos da Queda. É justamente para evitar esses dois extremos que desenvolvi um conceito já apresentado, às vezes até de modo explícito, por alguns teólogos e filósofos da tradição cristã. Trata-se do conceito de “inteligência humilhada”.

A primeira vez que falei sobre “inteligência humilhada” foi em 2010, na tradicional Semana Teológica, realizada anualmente pelo Projeto Água da Vida, em Niterói, Rio de Janeiro. A reação ao conceito foi muito além do que eu esperava. Muitas pessoas, no fim da palestra, vieram me pedir mais informações sobre o assunto, mas a única coisa que eu tinha era um esboço elaborado a partir de algumas leituras do livro X das *Confissões* de Agostinho de Hipona. Depois de quase três anos de aprofundamento nos estudos sobre o assunto, resolvi acrescentar outros pensadores da tradição cristã que pareciam concordar entre si quanto à questão da insuficiência do intelecto. Nessa época, recebi um convite para falar pela segunda vez sobre o conceito. Isso ocorreu em agosto de 2013 não mais no formato de uma palestra, e sim de um curso de dez aulas ministrado na Escola Teológica Charles Spurgeon, em Fortaleza, Ceará. Na terceira vez, já foi no formato de um curso semestral de introdução ao estudo da teologia que venho lecionando, desde 2014, no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo, e no Seminário Teológico Servo de Cristo, na capital paulista. Finalmente, aquela palestra ministrada em 2010 agora se tornou um livro, que, aliás, está em suas mãos.

Como já mencionei, sou um pastor de igreja e um professor de seminário. Digo isso mais uma vez para que você saiba que o discurso que adotei neste livro pressupõe justamente a unidade dessas duas experiências, que, diga-se de passagem, não tenho o menor interesse em separar. Não separo o pastor do professor e, por isso,

## INTELIGÊNCIA HUMILHADA

em alguns momentos você terá a impressão de estar numa sala de aula e, em outros, pensará que está num gabinete pastoral; ora você terá a sensação de que está num auditório ouvindo uma palestra, ora poderá jurar que está sentado em um banco da igreja ouvindo um sermão. E isso é intencional. Não quero e não posso separar o pastor do teólogo.

A igreja tem sofrido muito por causa da ausência do pastor teólogo, já que pastores e líderes têm desistido de ser teólogos para se tornarem como que diretores executivos, ou ativistas políticos, ou gurus psicoterapêuticos. Esse quadro parece tornar evidente que teólogos precisam novamente fincar suas raízes na igreja local e servir à membresia com o ensino pastoral e teológico da Palavra. Mentres teológicas pertencem a corpos eclesiais. Meu desejo é que este livro possa encorajar os teólogos a voltarem os olhos para a igreja local e se tornarem “artesãos da Palavra”.<sup>3</sup> Faço minhas as palavras de João Calvino, encontradas em seu comentário à Epístola aos Gálatas: “Que aqueles que desejam desempenhar bem a tarefa do ministério da Palavra aprendam não apenas a discursar e a falar em público, mas especialmente a penetrar na consciência, para que as pessoas vejam o Cristo crucificado e seu sangue escorrendo. Se a igreja tiver esse tipo de artista, ela não precisará de madeira nem de pedra, ou seja, não precisará de representações sem vida, e, na realidade, não precisará mais de imagem alguma”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Ibidem, p. 181-225.

<sup>4</sup>Ibidem, p. 205, n. 51. Cf. João Calvino, *Gálatas* (São Paulo: Paracletos, 1998), p. 82.

# CAPÍTULO 1

## A TEOLOGIA DIANTE DE DEUS

O homem não é um balão que sobe ao céu nem uma toupeira que vive unicamente cavando na terra, mas antes algo semelhante a uma árvore, cujas raízes se alimentam da terra enquanto os ramos mais altos parecem subir quase até as estrelas.<sup>1</sup>

— G. K. CHESTERTON

### FIDEÍSMO OU RACIONALISMO?

Nenhum dos dois. Meu ponto de partida é dispor o conceito de inteligência humilhada entre dois extremos, o fideísmo e o racionalismo, reconhecendo que, em certa medida, ele seria um meio-termo entre os dois. Para tanto, quero primeiro apresentar, em linhas gerais, os conceitos de fideísmo e de racionalismo, a fim de, logo em seguida, contrapô-los ao conceito de inteligência humilhada.

O que é *fideísmo*? O termo vem do latim *fide*, que significa “fé”. Em geral, o fideísmo é caracterizado pela negação — ou talvez pela tentativa de negação — de qualquer evidência, fundamento ou argumento racional que possa servir de garantia ou aval para o conhecimento de Deus. Nega-se, por conseguinte, que a compreensão da realidade divina seja mero fruto da racionalidade, visto que essa realidade é apreendida apenas por um exercício de fé ou por um “salto de fé”. Segundo o filósofo José Ferrater Mora, “fideísmo é a doutrina que sustenta a impotência da razão para alcançar certas

<sup>1</sup>G. K. Chesterton, *Santo Tomás de Aquino* (São Paulo: LTr, 2003), p. 141.

verdades e a conseqüente necessidade de introdução da fé”.<sup>2</sup> O fideísta é, portanto, aquele que defende o ponto de vista de que a fé é suficiente para garantir ou avalizar o conhecimento de Deus. Em suma, deixa-se de lado a razão e prioriza-se a fé.

Em contrapartida, o que é “racionalismo”? O termo vem do latim *ratio*, que significa “razão”. Ao contrário do fideísta, o racionalista é aquele que se esforça para encontrar razões, evidências ou indícios que sirvam para fundamentar o conhecimento de Deus. Nas palavras de Ferrater Mora, “racionalismo” é o nome da doutrina cuja única faculdade adequada ou completa de conhecimento é a razão, de modo que todo conhecimento (verdadeiro) tem origem racional”.<sup>3</sup> Ou seja, a fé não é necessária para o conhecimento. Aliás, para os racionalistas, a fé é algo subjetivo e, por isso, não passa de uma questão de foro íntimo. Assim, não se pode pensar na aquisição ou apreensão de qualquer conhecimento verdadeiro de Deus com base meramente na fé.

Como é possível notar, estamos diante de duas posições radicais que, de certo modo, apontam para a conhecida polarização entre fé e razão. De um lado, tem-se o fideísmo, que seria o sacrifício da razão em favor da fé; do outro, o racionalismo, que seria o sacrifício da fé em favor da razão. O conceito de inteligência humilhada não pretende favorecer nenhuma dessas duas posições. Não se trata de tender nem para o racionalismo nem para o fideísmo. A inteligência humilhada não quer sacrificar nem a fé nem a razão, mesmo porque não é necessário eliminar uma das duas para chegarmos ao conhecimento de Deus. Mas como isso é possível? Qual é o viés da inteligência humilhada? Há como fugir desses

<sup>2</sup>José Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia* (São Paulo: Loyola, 2005), tomo II, p. 1040.

<sup>3</sup>Ibidem, tomo IV, p. 2442.

dois extremos? É preciso optar pela fé em detrimento da razão, e vice-versa?

Não se trata da morte da fé nem da morte da razão, mas da fé que busca compreensão e reconhece o papel importantíssimo da razão na busca pelo conhecimento de Deus. A inteligência humilhada é a fé que não tem medo de pensar, duvidar ou questionar. A fé não precisa morrer, só precisa pensar. Uma fé assim percebe a racionalidade e a ordem divina nas coisas criadas sem, de forma alguma, anular-se ou destruir-se. É possível ser piedoso e, ao mesmo tempo, inteligente!

Em contrapartida, a inteligência humilhada é também a consciência da humilhação da razão que nos faz reconhecer o papel fundamental da fé. A razão não precisa morrer, só precisa dobrar os joelhos. A razão que se sujeita a Deus não deve se envergonhar da sua sujeição, nem se inferiorizar pelo fato de reconhecer sua dependência da revelação. Pelo contrário, a razão, consciente da sua miséria, deveria ser grata pela dádiva da revelação, pois, como aprendemos com nossas mães, quando alguém nos dá um presente, a única reação adequada é a gratidão. É possível ser inteligente e, ao mesmo tempo, piedoso!

Todavia, antes de ser piedoso é preciso ser grato. A propósito, não é a razão que faz o teólogo piedoso, mas, sim, a gratidão. A razão faz o teólogo inteligente, mas somente a gratidão torna-o piedoso e inteligente. Portanto, não passa de uma piada de mau gosto a ideia de que “Das duas, uma: ou você é piedoso ou você é inteligente; os dois, ao mesmo tempo, não dá!”. Mesmo porque, para ser inteligente, o teólogo precisa, em primeiro lugar, ser capaz de praticar a intelecção mais profunda que a mente humana pode realizar: a oração. Ora, é indubitável que a oração é a intelecção mais profunda do teólogo; porém, ao orar, o teólogo também oferece o testemunho mais patente de sua piedade.